

**“Pensar o passado contra o presente”: Michel Foucault e a escrita filosófica como um exercício de *cuidado de si* / “Thinking the past against the present”: Michel Foucault and philosophical writing as an exercise in self care**

*Priscila Céspede Cupello\**

## **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de discutir a concepção de escrita enquanto um exercício de *cuidado de si*, a partir das análises desenvolvida pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) na década de 1980. Com esta reflexão, objetivamos destacar a importância de “pensar o passado contra o presente”, tal como destacou Deleuze (2017), enfatizando o papel da filosofia enquanto um diagnóstico crítico do presente, que nos possibilita pensar a constituição do sujeito como efeito das relações de poderes-saberes, mas também como possibilidade de resistência e recusa do que somos, a fim de nos constituirmos de modos outros. Defendemos que a escrita filosófica, tal como concebida por Michel Foucault nos permite um exercício constante de reflexão e de transformação de nós mesmos como uma atividade do *cuidado de si*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia contemporânea; Ética; Política; Estética da existência.

## **ABSTRACT**

*This paper aims to discuss the concept of writing as an exercise in self-care, based on the analyses developed by the French philosopher Michel Foucault (1926-1984) in the 1980s. With this reflection, we aim to highlight the importance of “thinking the past against the present”, as highlighted by Deleuze (2017), emphasizing the role of philosophy as a critical diagnosis of the present, which allows us to think about the constitution of the subject as an effect of power-knowledge relations, but also as a possibility of resistance and refusal of what we are, in order to constitute ourselves in other ways. We argue that*

---

\*Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora de pós-doutorado com Bolsa FAPERJ Nota 10, Rio de Janeiro, Brasil. Processo SEI E-26/204.479/2021. [cupello.priscila@gmail.com](mailto:cupello.priscila@gmail.com).

*philosophical writing, as conceived by Michel Foucault, allows us a constant exercise of reflection and transformation of ourselves as an activity of self-care.*

**KEYWORDS:** *Contemporary philosophy. Ethics. Policy. Aesthetics of existence.*

## Introdução

Na biografia dedicada ao filósofo Michel Foucault (1926-1984), Didier Eribon destacou que todos os trabalhos do filósofo francês poderiam ser lidos como uma “insurreição contra os poderes da ‘normalização’” (1990, p. 12), pois Foucault agiu como um diagnostificador do presente ao analisar como o saber-poder organizou, classificou e excluiu as pessoas ao criar lugares hierarquizados na estrutura social. O filósofo francês defendeu em seus trabalhos como a sociedade moderna se constituiu por meio da criação de espaços singulares para o exercício do saber-poder concomitantemente com a criação de lugares de exclusão, como os hospícios e as prisões.

Na década de 1980, Foucault promoveu um deslocamento em seus trabalhos não mais para analisar os excluídos sociais, como os encarcerados em espaços prisionais ou os internados em Instituições psiquiátricas, mas para investigar como os sujeitos se constituíram e se perceberam enquanto sujeitos ao longo da história ocidental, refletindo sobre categorias como subjetivação e resistência. Eribon (1990) denominou este período de “genealogia das falas de si”, que se desdobrou na produção dos quatro volumes da *História da sexualidade* que tiveram início com Sócrates na Antiguidade, prosseguindo com o estoicismo de Epiteto e Sêneca e avançando para a Era Cristã com as práticas confessionais. Este trabalho foi interrompido pela morte prematura de Foucault, que deixou não só o último volume ainda inacabado, mas também faltando o aprofundamento da investigação das falas de si na contemporaneidade com a análise destas em consultórios psicanalíticos.

Na introdução da *História da Sexualidade* (Vol 2), Foucault afirmou que escreveu uma “história geral das ‘técnicas de si’” (p. 18), tendo início na Antiguidade clássica e indo até os primeiros séculos do cristianismo e destacou que: “gostaria de mostrar, agora, de que maneira, na Antiguidade a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através da prática de si, pondo em jogo os critérios de uma ‘estética da existência’” (FOUCAULT, 2012, p. 19).

A estética da existência foucaultiana compartilha das perspectivas do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), que critica a possibilidade da elaboração de juízo de valor sobre a vida e destaca que justamente a partir da falta de sentido que se torna possível para experiências singulares inventarem um sentido único, digno e memorável para suas próprias existências, mas explicitando a ficcionalidade contida na ideia de criação de sentido. Dito de outra forma, é justamente porque não podemos fazer um juízo de valor único e universal sobre a vida que é possível inventar sentidos para ela. Segundo Foucault, a “estética da existência” tem por base saber como “governar sua própria vida para dar-lhe a forma mais bela possível (aos olhos dos outros, de si mesmo e das gerações futuras para aqueles que poderá servir de exemplo)”, tendo por objetivo “constituir-se a si mesmo como um artífice [ouvrier] da beleza de sua própria vida” (1994a, p. 646).

Já o quarto volume da *História da Sexualidade* foi publicado após a morte do Filósofo e foi intitulado de *As Confissões da Carne*. Neste livro o filósofo abordou as “falas de si” na Era cristã através das práticas confessionais em uma cultura que introduz a concepção de sexualidade alinhada ao pecado, em que todo o Ocidente em maior ou menor medida é herdeiro.

Sendo assim, realizar uma genealogia das falas de si é analisar como ao longo do tempo histórico o próprio sujeito narrou a si mesmo e o mundo a sua volta, tornando possível a reflexão sobre a relação entre o sujeito, verdade e subjetividade. Foucault se dedicou a estudar o que ele denominou de: “técnicas de si”, “técnicas de vida”, “técnicas de existência”, que se relacionam com o cuidado de si, a formação do sujeito e o governo da cidade. Logo, há em seus trabalhos uma relação entre epistemologia, ética e política (FOUCAULT, 2012, p. 18).

Portanto, este artigo tem o intuito de enfatizar a importância de “pensar o passado contra o presente” (DELEUZE, 2017, p. 127), tal como Deleuze desenvolve no livro “Michel Foucault: as formações históricas”, enfatizando o papel da filosofia enquanto promotora de um diagnóstico crítico do presente, que nos possibilita pensar a constituição de si como efeito das relações de poderes-saberes, mas também como possibilidade de resistência e recusa do que somos, a fim de nos constituirmos de *modos outros*. Defendemos que a escrita filosófica, tal como concebida por Michel Foucault nos permite um exercício constante de reflexão e de transformação de nós mesmos como uma atividade do *cuidado de si*.

## 1. Foucault e a escrita como arte de transformação de si

É difícil ler o curso *A Coragem da Verdade* (1984) sem refletir sobre a condição de iminente finitude do filósofo francês. O historiador Paul Veyne, que foi um amigo próximo de Foucault, afirmou que os oito meses finais de vida do filósofo foram dedicados à escrita e reescrita dos últimos volumes da *História da Sexualidade* e que o filósofo estava bastante empenhado no projeto de auto-estetização, ou seja, no trabalho de *si* sobre *si* que a escrita e pesquisa possibilitam (*apud* ERIBON, 1990, p. 305). Nos primeiros dias do curso de 1984, Foucault relata que a grande viagem que fez ao analisar os gregos antigos era para que pudesse retornar aos problemas contemporâneos. Em suas palavras:

As aulas que gostaria de dar serão sem dúvida um pouco descosidas porque se trata de algumas coisas que eu gostaria, de certo modo, de terminar para, depois desta *trip* greco-latina que durou vários anos, voltar alguns problemas contemporâneos que tratarei seja na segunda parte do curso, seja eventualmente na forma de um seminário de trabalho (FOUCAULT, 2009, p. 3).

Depois da longa “*trip* greco-latina”, infelizmente, devido a sua morte prematura Foucault não conseguiu retornar aos problemas contemporâneos. O objetivo do filósofo francês nesta “*trip*” nunca foi de agir como um historiador da Antiguidade, muito menos como um comentador sobre os antigos filósofos. Sobre este tema, Foucault destacou:

Não sou nem helenista nem latinista. Mas me pareceu que, com bastante cuidado, paciência, modéstia e atenção, era possível adquirir familiaridade suficiente com os textos da Antiguidade grega e romana: quero dizer, essa familiaridade que permite, de acordo com uma prática sem dúvida constitutiva da filosofia ocidental, interrogar, ao mesmo tempo, a diferença que nos mantém a distância de um pensamento em que reconhecemos a origem do nosso, e a proximidade que permanece a despeito desse distanciamento que nós aprofundamos sem cessar (FOUCAULT, 2012, p. 42).

Foucault destaca que seu trabalho se efetivou mediante a leitura de vários autores, dentre eles, podemos destacar: Pierre Nora, P. Brown, Pierre Hadot, H. Dreyfus e P. Rabinow, Paul Veyne entre outros (2012, p. 14). E no livro *A História da sexualidade* (v. 2) destaca:

Os estudos que se seguem, assim como outros que anteriormente empreendi, são estudos de ‘história’ pelos campos que tratam e pelas referências que assumem, mas não são trabalho de ‘historiador’. O que não quer dizer que eles resumam ou sintetizem o trabalho feito por outros; eles são – se quisermos encará-los do ponto de vista de uma ‘pragmática’ – o protocolo de um exercício que foi longo, hesitante, e que frequentemente precisou se retomar e se corrigir. Um exercício filosófico: sua articulação foi a de saber em que medida o trabalho de pensar sua própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferente (FOUCAULT, 2012, p. 16).

O olhar interessado de Foucault para os gregos antigos tem a especificidade de selecionar para sua análise diálogos de Platão, principalmente, aqueles em que o Sócrates aparece preocupado com o cuidado com a alma, mas não no sentido metafísico, mas como um problema ético que se relaciona com a política e com a estética da existência.

Deleuze destaca que os gregos longe de ignorarem a interioridade e a subjetividade, “eles inventaram o sujeito, mas como uma derivada, como o produto de uma subjetivação. Descobriram a ‘estética da existência’, isto é, o forro, a relação consigo, a regra facultativa do homem livre” (DELEUZE, 2017, p.108). Ou seja, “os gregos não apenas inventaram a relação consigo, eles a ligaram, compuseram e desdobraram na sexualidade. Em suma, um encontro, bem fundamentado entre os gregos, entra a relação consigo e a sexualidade” (DELEUZE, 2017, p. 110). É importante destacar que essa noção de sujeito da qual Deleuze se refere não é igual a noção de sujeito da modernidade, não existe a dimensão individualista, mas um sujeito ético-político, que existe e se relaciona com o coletivo. É um sujeito político, por isso a constante argumentação de Foucault de relacionar a epistemologia, com a ética e com a política.

## 2. A História foucaultiana é um organismo vivo

Na década de 1980, conjuntamente com a ênfase na Antiguidade, Foucault também se aproximou dos trabalhos de Immanuel Kant e sua crítica ao presente, no que ele denominou de projeto de uma “história crítica do pensamento” ou uma “ontologia histórica de nós mesmos”, que tem como objetivo fazer emergir os conflitos de forças que permeiam os eixos das relações de saber, poder e ética, os quais são importantes para pensar:

como nos constituímos como sujeitos de nosso saber; como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem relações de poder;

como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações (FOUCAULT, 1994a, p. 576).

Michel Foucault concebeu a sua própria escrita como uma “prática histórico-filosófica de fazer sua própria história, de fabricar como por ficção a história” (FOUCAULT, 2015, p. 58), que nos seja útil para pensar o presente e fazer uma “história crítica do pensamento” ou uma “ontologia histórica de nós mesmos” (FOUCAULT, 1994a, p. 576).

Essa “ontologia histórica de nós mesmos” nos permite realizar um processo de dessubjetivação para uma ressubjetivação outra. Ou seja, através da crítica do presente e da compreensão das relações de poder que nos constituíram como sujeitos efeitos dessas relações, podemos abrir espaço para a "dessubjetivação", ou seja, o abandono e/ou recusa daquilo que o poder nos constituiu, abrindo espaço para o processo de "ressubjetivação" e a construção de novas formas de ser e estar no mundo, baseadas na reflexão crítica sobre as opiniões que nos habitam e que nos levam a agir de uma determinada maneira e não de outra.

Analizar o modo como os sujeitos concebiam a si próprios na Grécia Antiga pode ser uma peça fundamental para nos *fazer pensar* e refletir sobre nós mesmos, na intenção de um *pensar diferente*, em um projeto que visa a construção de novas formas de subjetivação.

A concepção de história foucaultiana é a de um organismo vivo, sendo produto do campo de batalha discursivo e aberto, em que relações de saberes-poderes disputam para alcançar a hegemonia discursiva sobre os acontecimentos passados. A história foucaultiana não tem um método único, mas vai se construindo na medida em que o trabalho no arquivo vai sendo desenvolvido. Além disso, pode-se constatar que método e teoria se entrecruzam no desenrolar do trabalho de pesquisa. De acordo com Deleuze:

Ele [Foucault] não faz uma história das mentalidades, mas das condições nas quais se manifesta tudo o que tem uma existência mental, os enunciados e o regime de linguagem. Ele não faz uma história dos comportamentos, mas das condições nas quais elas integram relações diferenciais de forças no horizonte de um campo social. Ele não faz história da vida privada, mas das condições nas quais a relação consigo constitui uma vida privada. Ele não faz uma história dos sujeitos, mas dos processos de subjetivação, sob as dobras que ocorrem nesse campo ontológico tanto quanto social (DELEUZE, 2017, p. 124).

Podemos defender a história enquanto um organismo vivo, pois nós estamos constantemente a reescrevê-la, ou seja, a recontá-la, como o próprio Foucault faz com Sócrates. O olhar seletivo foucaultiano elegeu o filósofo ateniense como o primeiro a se preocupar com o *cuidado de si*, ou seja, o filósofo seria alguém sempre disposto a lembrar os atenienses a olharem para si mesmo e se ocuparem com o cuidado de suas almas e a realizarem constantemente o exame da consciência. Foucault compara Sócrates ao tavão, um inseto que fica perturbando os animais e ao perturbá-los faz com que eles se movimentem. Esta é a metáfora usada para conceber Sócrates como alguém que incomodava os seus contemporâneos, alguém disposto a interrogar todos sobre seus valores, crenças e ações.

Neste sentido, queremos defender que pensar a história como um organismo vivo é dizer que estamos sempre criando novos sentidos seja para acontecimentos passados, seja para personagens históricos e ao criarmos novos passados também criamos novos presentes. Como por exemplo, quando Foucault elege Sócrates o mestre do cuidado de si, enfatizando seu papel como alguém preocupado com a epistemologia, ética, política e estética da existência, muito mais do que com questões metafísicas, como muitos especialistas defendem.

### 3. A escrita foucaultiana

A crítica aos referenciais consolidados pela Academia foi de fundamental importância para Foucault, pois ao fazer isso era possível disputar as verdades alicerçadas pela tradição historiográfica e promover outras narrativas possíveis, tendo em vista a sua crença na impossibilidade de esgotamentos de discursos sobre o passado. De acordo com Paul Veyne (2011, p. 21), a escrita foucaultiana tem como característica questionar todo conhecimento sistemático, descritivo e consensual, tais como sistemas, períodos, sentidos etc., que tendem a classificar uma determinada época, fazendo-nos pensar a partir de um dado referencial historiográfico que foi consolidado pelo saber acadêmico.

Paul Veyne (2011, p. 21) designa Foucault de “cético nominalista”, pois seu posicionamento não o faz duvidar da singularidade das verdades, mas das verdades presentes nas formulações de ideias gerais, que tendem a criar sentido e direção à história da humanidade. Sendo assim, o que pode ser explicado são as singularidades, os acontecimentos que emergem em meio ao caos, acaso e desordem do mundo, mas

compreender a verdade das singularidades e negar a veracidade dos universais não o faz cair em um relativismo, pois seu modo de trabalhar inaugura uma antropologia empírica coerente fundamentada na crítica histórica. Desse modo, o enunciado é sempre um acontecimento que nem a linguagem nem o sentido podem esgotar inteiramente.

Por conseguinte, o importante é ter um olhar crítico para os enunciados encontrados na análise das diferentes fontes investigadas, analisando as condições de possibilidade de emergência de um determinado enunciado em detrimento de qualquer outro. O problema destacado por Foucault é basear-se na ilusão tranquilizadora das explicações históricas que nos fazem ver o passado por meio de universais e generalizações. De acordo com Paul Veyne:

Ele [Foucault] foi, segundo seu próprio testemunho um *cético*, que acreditava apenas na verdade dos fatos dos inúmeros fatos históricos que preenchem todas as páginas de seus livros, e jamais na verdade das ideias gerais. Pois não admitia nenhuma transcendência fundadora (VEYNE, 2011, p. 9).

Além de ceticismo filosófico, Paul Veyne também destaca sua posição nominalista.

Foucault é nominalista como Max Weber e como todo bom historiador. Heuristicamente, é melhor partir do detalhe das práticas, do que se fazia e se dizia, e realizar o esforço intelectual de explicar-lhe o discurso; é mais fecundo (porém mais difícil para o historiador e para seus leitores) do que partir de uma ideia geral e bem conhecida, pois corre-se então o risco de limitar-se a essa ideia, sem perceber as diferenças últimas e decisivas que a reduziram a pó (VEYNE, 2011, p. 21).

O trabalho foucaultiano baseia-se em um positivismo hermenêutico como uma análise discursiva. Portanto, “o foucaultismo é, na verdade, uma antropologia empírica que tem sua coerência, e cuja originalidade está em ser fundada na crítica histórica” (VEYNE, 2011, p. 10). As pesquisas de Foucault estão atreladas ao campo da contingência e da imanência e nesse aspecto se aproximando dos trabalhos nietzscheanos. Foucault reitera:

teria sido possível, e talvez mais honesto, citar apenas um nome, o de Nietzsche, pois o que eu digo aqui só tem sentido se relacionado à obra de Nietzsche, que me parece ser, entre os modelos de que podemos lançar mão para as pesquisas que proponho, o melhor, o mais eficaz e o mais atual (FOUCAULT, 2013, p. 22).

A posição foucaultiana quer afirmar que o que existe são os discursos que ganham força de verdade, dentro de um determinado jogo de relação de poderes e saberes pré-estabelecidos. O que fazemos enquanto pesquisadores é construir narrativas possíveis, que são coerentes, embasadas por fontes, mas sabemos que é uma narrativa dentre várias outras que também podem vir a ganhar força de verdade no campo de dispersões discursivas. Sendo assim, assumir a ficcionalidade da escrita é evidenciar que só podemos escrever sobre um período passado a partir de um lugar limitado, recortado e abundante de possibilidades de análises. Construímos narrativas sobre o passado por meio de um trabalho de arquivo, que já é por si só um ambiente artificial, forjado. As narrativas que construímos só são possíveis a partir deste recorte fragmentado do passado. De acordo com Philippe Artières:

Em um estilo óptico, analisado por Michel de Certeau, Foucault identificou os movimentos, as forças que não conhecemos e que, não obstante, atravessam nosso presente. Da História da loucura na idade clássica (1961) à Vontade de Saber (1976), suas “ficcões históricas” tinham a mesma mirada: diagnosticar as forças que constituem nossa atualidade e que ainda a movimentam. Ele tenta desse modo, provocar “uma interferência entre nossa realidade e o que sabemos do passado” (2004, pp. 15-16).

A perspectiva foucaultiana quer provocar uma fissura nos discursos consolidados da tradição Acadêmica para criar espaços para a possibilidade de um *olhar outro* para os documentos do passado, abrindo a possibilidade de uma escrita da diferença. É importante também destacar o caráter ensaísta e modificador que Foucault concebe a atividade da escrita enquanto um exercício de pensar, refletir e criticar. A escrita tem a dimensão do exercício filosófico aguçado pela curiosidade que permite o pensar diferentemente do que se pensa e/ou do que se pensava.

#### **4. “pensar o passado contra o presente”**

No livro “Michel Foucault: as formações históricas”, Deleuze (2017, p. 127) defende que “pensar o passado contra o presente” é um modo de olhar para as experiências do passado não para catalogá-las ou sistematizá-las, mas para encontrar no passado experiências difusas, diferentes, arbitrárias, inesperadas, ou seja, uma vasta gama de modos de vidas e sistemas políticos outros. Sendo assim, a experiência de olhar para o passado como a experiência da alteridade, de modo a colocar a nós mesmo em

perspectiva.

Para Foucault (1984), era importante analisar e diagnosticar os “jogos de verdades” que em determinado momento da história fez aparecer alguns personagens históricos, como os loucos, doentes, criminosos, médicos, juristas, trabalhadores, ou seja, analisar como o poder cria sujeitos, verdades e subjetividades, para que enfim possamos pensar estratégias de resistências. Primeiramente, é preciso analisar os discursos dominantes, suas relações com as instituições e com os considerados marginais e/ou indesejáveis pela sociedade. Depois dessa primeira etapa, é preciso colocar os discursos dominantes em confronto com os discursos marginais, fazendo emergir o campo de batalha em meio à dispersão discursiva.

A filosofia de Foucault se torna, assim, um diagnóstico do presente, apontando como o sujeito é efeito das relações de poder-saber, mas também como é possível pensar resistências, tendo em vista a multiplicidades de formas de existir. Abre-se um leque de possibilidades para a recusa do que somos, convidando-nos a constituirmos de outras formas. Nessa perspectiva, a escrita de Foucault se torna um exercício constante de reflexão e transformação de si.

De acordo com Vera Portocarrero, Foucault não enxerga nos gregos a solução para nossos problemas atuais, “até porque, dada a historicidade constitutiva das éticas e das formas de subjetivação, tal transposição seria impossível” (2011, p. 48). Sobre este tema, Deleuze afirma que:

nenhuma solução pode ser transposta de uma época a outra, mas pode haver usurpações ou invasões de campos problemáticos, fazendo os ‘dados’ de um velho problema serem reativados em outros. (talvez haja ainda um grego dentro de Foucault, uma certa confiança numa ‘problematização’ dos prazeres...) (DELEUZE, 2017, p. 85).

Segundo Paul Veyne, a arqueologia tem como objetivo fazer o “balanço desmistificador” da realidade, possibilitando uma nova relação com o mundo que nos cerca (2011, p. 24). A atitude filosófica adotada por Foucault é consoante com a sua própria filosofia, na medida em que ele sempre reivindicou para si o imperativo de não ser mais o mesmo, ou seja, a sua filosofia é um “exercício filosófico” em que a mudança é a condição necessária de abertura para novas formas de pensamentos. Conforme afirmou Philippe Artières, “Foucault, como repetiu várias vezes, escrevia para não ter mais rosto” (2016, p. 27). Deleuze também chama atenção para este posicionamento

foucaultiano, quando lê o seu discurso no velório de Michel Foucault, em 29 de junho de 1984.

Há momentos na vida em que a questão de saber se podemos pensar diferente do que pensamos e perceber diferentemente do que percebemos é indispensável para continuar a olhar e refletir... O que é, pois, a filosofia – quero dizer a atividade filosófica – se não é o trabalho crítico do pensamento sobre si mesmo. E se ela não consiste, ao invés de legitimar o que sabemos, em tentar saber como e até que ponto seria possível pensar diferentemente” (*apud* ERIBON, p. 309).

### Considerações finais

A escrita filosófica foucaultiana é baseada na ideia de um exercício que possibilita o pensamento do novo, além de fazer construir novas argumentações e fazer novas associações. A pluralidade e riqueza do pensamento é traduzida neste constante movimento que o faz sempre apontar para o diferente, o pensamento do fora. Se pudermos falar que há alguma ética nos trabalhos foucaultianos, é uma ética não normativa que aponta para a abertura, a fim de diagnosticar os processos de relações de forças que nos fizeram ser o que somos e pensar o que pensamos, para a possibilidade de não mais ser o que somos e pensar o que pensamos. Esta postura da abertura para o pensamento diferente enquanto uma posição filosófica pertinente ao trabalho foucaultiano é encontrada em muitas passagens, como a que ele diz: “não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo” (FOUCAULT, 1984, p. 19).

A genealogia foucaultiana nos permite criar um espaço entre o presente e o passado e nos recolocar em um lugar outro, em que podemos nos pensar, sob a ótica da diferença e na reflexão sobre quem somos nós mesmos. A genealogia tem por objetivo fazer um diagnóstico crítico do presente. Michel Foucault denominou seu trabalho como um “exercício filosófico” descomprometido com a produção de um sistema de pensamento fechado ou uma ética prescritiva. O filósofo francês concebeu a sua escrita como um exercício de transformação de si mesmo, pois o trabalho de pesquisa muda seu pensamento, ou seja, transforma aquilo que se pensa em outra forma de pensar que se desdobram em formas outras de ver o mundo se relacionar com as pessoas e agir. Sendo assim, a escrita filosófica pode ser pensada como arte/técnica que permite o *cuidado de si* na medida em que se consiste na reflexão contínua sobre as verdades que nos habitam.

Foucault produz uma história específica, que se preocupa com as condições de possibilidades para a emergência do novo. Ele está atento às singularidades históricas, buscando encontrar alteridades entre nós (sujeitos do presente) e os outros (sujeitos do passado). Por meio destas diferenças e continuidades, ele nos permite um olhar diferenciado para nós mesmos, diagnosticando a contingência e especificidades da formação do sujeito e sua subjetivação na contemporaneidade. Essa distância que o trabalho foucaultiano produz nos é útil para nos pensar de outra maneira, trazendo para a superfície a história das relações de saber-poder que nos fizeram ser como somos hoje e as possibilidades de resistências para a recusa do que somos, a fim de nos constituirmos de uma *forma outra*.

Foucault reivindica um *lugar outro* para a filosofia, que não é apenas o do discurso racional que busca a verdade e/ou estabelece um sistema de pensamento e/ou cria conceitos para falar do mundo, mas também da filosofia preocupada com o agir ético que tem o objetivo a transformação de si, dos outros e do mundo. A escrita filosófica é um exercício de reflexão, uma prática, um trabalho de *si* sobre *si*, que se relaciona com o projeto de auto estetização que Paul Veyne (2011) afirmou que Foucault estava se dedicando em realizar em si mesmo nos últimos meses de sua existência.

## REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Fazer a experiência da fala. In: \_\_\_\_\_. *Michel Foucault: O Belo Perigo*. Conversas com Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 13-28.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2004.

\_\_\_\_\_. *Michel Foucault: as formações históricas*. São Paulo, N-1, Edições e editora filosófica politeia, 2017.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Tradução Eduardo Jardim e Roberto Machado, Rio de Janeiro: Nau, 2013.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade*. O uso dos prazeres. Vol 2, São Paulo, Ed. Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. *L'archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1984.

\_\_\_\_\_. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France (1984)*. Paris: Gallimard, 2009.

\_\_\_\_\_. Le souci de la vérité. In: \_\_\_\_\_. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994a. t. 4, p. 636- 646.

\_\_\_\_\_. Les rapports de pouvoir passent à interieur des corps. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. t. 3, p. 228-236.

\_\_\_\_\_. Política da verdade: Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. In RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 17-25.

\_\_\_\_\_. Préface a la Transgression. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994a. t. 1, p. 233-250.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce que la critique? Suivi de La culture de soi (1978). *Foucault inédit, Philosophie du présent*, VRIN, France, 2015.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce que les Lumières? In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994a, t. 4, p. 562-578.

GROS, Frédéric. Situation du cours. In: FOUCAULT, Michel. *Le Courage de la vérité: Le Gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France*. Paris: Gallimard, 2009.

MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

PORDOCARRERO, Vera. História do pensamento e ontologia dos discursos de verdade. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 40, n. 1, jan./abr 2015, p. 93-107.

\_\_\_\_\_. O Mundo como sala de aula. *Revista Educação: Especial Biblioteca do Professor* - Foucault pensa educação, v. 3, 2011, p. 46-55.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.